



Porto Galeria da Biodiversidade assenta num conceito museológico que alia ciências às artes e à literatura

Sete mil visitantes no espaço de um mês



FOTOS: ANA CRUZ

discurso direto :



“Fiquei a pensar em coisas em que ainda não tinha pensado, como o batimento cardíaco da baleia, que é lento. Faz sentido”
Fernanda Malhão

Porto



“Com ‘pinceladas’ simples, a exposição transmite a grandeza da biodiversidade”
Eugénia Pintos

Santander, Espanha



“Coisa que não se nota noutros sítios é que aqui há pessoas a acompanhar as visitas e a explicar”
Pedro Gonçalves

Porto

Isabel Peixoto

ipeixoto@jn.pt

► Abriu portas no final de junho e, no espaço de um mês, por essas mesmas portas passaram cerca de sete mil pessoas. Visitantes de todas as idades e de proveniências várias, gente que já repetiu a dose mais do que uma vez, estrangeiros que sabiam ao que iam e outros que, mesmo sendo da área, nunca tinham visto nada assim, como aconteceu com uma professora russa. A Galeria da Biodiversidade, no Porto, é uma casa aberta ao mundo e às sensações.

Pedro Gonçalves lembra-se de ouvir a madeira ranger sempre que passava naquele corredor. Agora o chão não cede, mas bastou-lhe essa simples memória para recuar aos tempos de estudante. Como ele, outros visitantes recordam-se de como era a Casa Andresen antes de acolher o novo espaço do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto. E alguns, sobretudo os mais velhos, emocionam-se.

“Muita gente fica maravilhada com a reabilitação do edifício para esta finalidade”, começa por afirmar Maria João Fonseca, diretora de comunicação do museu, ao fazer o balanço do primeiro mês de funcionamento da galeria. Além



Primos João, Ana Isabel e Ana Rita a tentar adivinhar os cheiros da natureza

do edifício em si, o caráter inovador deste projeto está entre os principais motivos de atratividade. “As pessoas não estão habituadas a ver um espaço museológico com esta configuração, em que claramente há uma mistura entre história natural, ciência, arte e também literatura”, sublinha, numa alusão à incontornável presença de Sophia de Mello Breyner.

Concebida de acordo com o conceito de museologia total introduzido pelo investigador e museólogo catalão Jorge Wagensberg, a galeria distingue-se também pela componente interativa

e pelo facto de haver guias disponíveis para acompanhar os visitantes. “A cidade do Porto precisava de uma coisa destas”, dizia Pedro, na companhia da família.

Também acompanhada pelos seus, encontrámos Fernanda Malhão, tão sorridente quanto os filhos. Estava fascinada com as partes interativas e com a figura de Darwin, “muito, muito real”. Numa outra sala, Eugénia Pintos, professora de ciências que vive na cidade espanhola de Santander, dizia quase tudo com os olhos, de tão expressivos que estavam. Achou a casa “mais bonita por

dentro do que por fora” e não deixou de mencionar a qualidade dos textos que acompanham os módulos expositivos, aproveitando para praticar. É que a semana de férias no Porto serviu também para fazer um curso intensivo de português.

Segundo Maria João Fonseca, só na primeira quinzena a Galeria da Biodiversidade recebeu perto de cinco mil pessoas. Em outubro, será lançado um programa para escolas, o que irá fazer disparar o fluxo de público infantil-juvenil. Para já, o perfil maioritário é o de visitantes adultos. ●